

Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida por
qualquer processo à excepção de excertos para divulgação.
Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

TÍTULO

O Livro da Mitologia Celta

AUTOR

Claudio Quintino Crow

PREFÁCIO

John Matthews

ILUSTRAÇÕES

Juliano Oliveira

REVISÃO

Hazel Evangelista

EDITOR

Alexandre Gabriel

1.ª EDIÇÃO: Novembro de 2023

ISBN: 978-989-677-200-0



DEPÓSITO LEGAL: 000 000/23

IMPRESSÃO: Manuel Barbosa & Filhos

© 2023, Claudio Quintino Crow & Zéfiro



Zéfiro - Edições e Actividades Culturais, Unipessoal Lda.
Apartado 21 - 2711-953 Sintra - Portugal
EMAIL: zefiro@zefiro.pt

  WWW.ZEFIRO.PT

ÍNDICE

SOBRE O AUTOR.....	9
PODE UM FILHO NASCER NOVAMENTE?.....	13
PREFÁCIO DA 2.ª EDIÇÃO, POR JOHN MATTHEWS	17

I.

O MUNDO DOS CELTAS

PRÓLOGO	21
1. O APELO CELTA.....	25
2. QUEM SÃO OS CELTAS?	33
Um pouco de História	34
A Mitologia confirma a História	37
A Sociedade Celta.....	40
A Mulher Celta.....	41
A Natureza	43
A Sacralidade da Terra	44
A Sacralidade do Tempo.....	45
3. MITOLOGIA CELTA DA IRLANDA	
- O LIVRO DAS INVASÕES E OUTRAS FONTES PRIMÁRIAS	51
O Livro das Invasões	56
A Invasão de Cesair.....	57
Partholón e o seu Povo	57
O Povo de Nemed.....	58
Os Fír Bolg.....	59
Os Tuatha Dé Danann	59
Os Milesianos	61
A Batalha de Moytura	65
A Cartilha do Sábio	67
O Roubo do Gado de Cooley.....	68
O Colóquio dos Anciãos	68

II.
VIVENCIANDO OS DEUSES
E AS DEUSAS CELTAS

NOTA INTRODUTÓRIA.....	73
4. BRIGHID	75
Versos que Silenciam a Alma: A Poesia e Os Celtas	88
5. OGHMA	93
Raízes no Passado, Sementes para o Futuro: O Ogham, As Árvores e Os Celtas	101
6. MACHA	103
Soberania: Uma Forma Feminina.....	111
7. LUGH	113
Triplicidade e o Número Três: A Base do Conhecimento Celta.....	124
8. MORRÍGHAN	127
A Morte: Eterna Companheira.....	145
9. DAGDA.....	147
A Magia Celta e Os Quatro Elementos	157
10. MAEVE	161
Contos de Igualdade: O Feminino na Cultura Celta.....	170
11. FIONN MACCUILL	173
Xamanismo, Profecia e O Outro Mundo: As Bases do Espírito Celta.....	184
12. FLIDIAS.....	187
As Deusas Celtas e a Natureza.....	193
13. MANANNÁN MAC LIR	197
Os Celtas e o Outro Mundo	204
14. CERRIDWEN	207
O Caldeirão: Fonte Inesgotável de Vida e Sabedoria.....	214
15. MERLIN/TALIESIN	217
O <i>Green Man</i> : A Natureza Indomável.....	226
16. ARTUR E O GRAAL	231
O Casamento Sagrado.....	244
EPÍLOGO	247
BIBLIOGRAFIA.....	251
ÍNDICE REMISSIVO E GUIA DE PRONÚNCIAÇÃO	255



SOBRE O AUTOR

*Nenhuma espiritualidade é um fim, todas são um meio;
nenhuma religião é destino, todas são caminho. Todas,
sem exceção, nos levam a algo mais importante que qual-
quer uma individualmente: um entendimento mais pro-
fundo de quem somos e do que buscamos.*

CLAUDIO QUINTINO CROW

Tendo por base esta compreensão, através do seu trabalho como escritor, orador e instrutor, Claudio Quintino Crow trilha uma jornada de pesquisas e questionamentos que tem como ponto de partida a compreensão dos aspectos históricos da espiritualidade celta e, a partir desta, propõe um diálogo mais amplo e profundo com outras manifestações filosófico-espirituais - sejam elas pagãs, monoteístas ou livres.

Esta jornada começou subtilmente, em meados da década de oitenta: numa casa na zona sul de São Paulo, Astérix, Panoramix e os irredutíveis gauleses celtas reuniram-se a Artur, rei dos Bretões e seus honrosos Cavaleiros.

Esse encontro mágico e insólito ocorreu na mente e na alma do então adolescente Claudio Quintino, que dali por diante dedicaria muito do seu tempo - no início, desordenadamente, e depois como vocação - ao trabalho de pesquisa da história, mitos e lendas dos Celtas.



de todas as horas, irmã de jornada. A minha mãe, Maria, que por partir tão cedo não testemunhou o lançamento da primeira edição, tem agora no lançamento da segunda, a companhia do meu pai, Oswaldo: juntos, devem assistir a tudo com aquele orgulho pateta que pais e mães sentem ao verem os seus filhos concretizar algo notável - o mesmo orgulho que aprendi a sentir graças à chegada da minha filha Brigitte, a quem dedico com especial carinho esta edição.

Por fim, uma dedicatória especial às terras da Irlanda - a sua gente, as suas paisagens, a sua cultura, as suas artes, a sua história, que tanto contribuíram para a formação e o desenvolvimento da minha busca, do meu trabalho e da minha vivência. Sem grande alarido e sem pedir licença, os seus mitos e lendas entraram na minha alma e convidaram-me a partilhar as suas eternas lições e inspirações com aqueles que se interessam pelo tema aqui no Brasil, um país tão intimamente ligado ao imaginário celta da Irlanda (como veremos adiante), mas onde ainda rareiam publicações sobre o tema.

Que as palavras deste livro sejam apenas o veículo para o verdadeiro conteúdo por ele transportado, e ofertado ao leitor: a inspiração para um conhecimento mais profundo de si mesmo e das suas relações com o mundo em que vivemos.

São Paulo, 13 de Maio de 2023



PREFÁCIO DA 2.^a EDIÇÃO

O legado dos celtas - esse misterioso povo que migrou da Europa Central e estabeleceu-se na Grã-Bretanha, na Irlanda, no que hoje é a França e na Península Ibérica - é grandioso e duradouro. A capacidade que os saberes e as tradições celtas possuem de reter-nos na sua teia dourada de encantamento é facilmente percebida no crescente interesse global por todas as suas manifestações culturais, observado nas últimas décadas. Este fascínio parece avançar no novo milénio com um enfoque diferente, mais profundo, que surge no cerne das suas poderosas tradições. A música e as canções celtas, as suas histórias, poesia, mitos e lendas continuam a encantar o mundo, tecendo os seus sempre dinâmicos padrões de pensamento, de imagens e de sonhos.

Contudo, a verdadeira herança dos celtas chega-nos não tanto através da sua história, ou mesmo da sua cultura - por mais fascinantes que sejam - mas da sua habilidade em produzir padrões de imagens e de conceitos mágicos de profunda aplicabilidade nos nossos tempos.

As crenças dos celtas, as suas tradições, rituais, canções e versos influenciaram a nossa forma de pensar, sentir e reagir ao mundo em que vivemos. *O Livro da Mitologia Celta* propõe-se explorar e analisar o legado dos celtas, através da sua ligação com a Terra, dos seus dons de visão, das suas narrativas e, acima de tudo, do seu profundo e duradouro sentido de espiritualidade. Cada uma destas manifestações, ao seu próprio modo, oferece-nos algo valioso e transcendente, com o qual continuamos a trabalhar nos nossos dias.

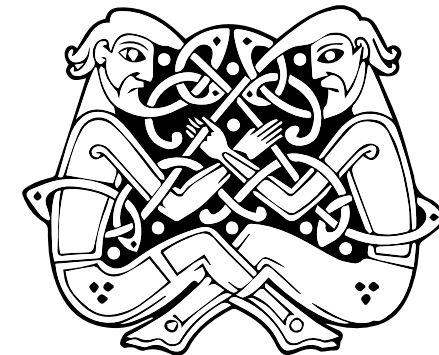
Ainda que seja um livro que trate dos saberes e tradições de um povo antigo, apresenta ao leitor o valor e os benefícios que obtemos ao explorar esses temas nas nossas vidas modernas. É, portanto, um livro mais contemporâneo em essência que um mero olhar nostálgico sobre um tempo e um local distantes. Por conhecê-lo pessoalmente, posso afirmar que Claudio Quintino Crow esteve sempre plenamente apto a atingir a meta que estabeleceu para si mesmo: compreender a história e as crenças dos povos celtas e mostrar como estas continuam a influenciar as nossas vidas hoje. Saúdo a nova edição deste livro estimulante e acessível, e espero que inspire uma nova geração de leitores para que explorem por si mesmos toda a riqueza das tradições celtas.

JOHN MATTHEWS

Oxford, 2023

I.

O MUNDO DOS CELTAS





PRÓLOGO

Primeiro sentir os símbolos, sentir que os símbolos têm vida e alma, que os símbolos são gente. Mais tarde virá a interpretação, mas sem esse sentir, a interpretação não vem.

FERNANDO PESSOA

Com a citação do grande poeta e ocultista português Fernando Pessoa, abro este livro, a colectânea de alguns dos mais significativos mitos e lendas celtas. As palavras de Fernando Pessoa envolvem um ensinamento inspirador. Assumem, mesmo, a dimensão de um vigoroso alerta, para que não incorramos no erro comum daqueles que julgam a mitologia de outros povos como um mero apanhado de lendas, ou como uma singela série de preceitos morais e éticos referentes a uma determinada cultura. A mitologia é isso, sem dúvida; mas é também muito mais. Como afirma Joseph Campbell, seguramente o maior mitólogo da actualidade, “chamamos mitologia ao conjunto de crenças de outros povos”. Seria caso para dizer: a minha crença é religião, a dos outros é apenas mito...

Na verdade, os mitos de um povo retratam com fidelidade como esse povo encara e se relaciona com o mundo à sua volta, como convive com as forças da Natureza que não vê, nem compreende, mas sabe que existem. Assim, os mitos da maioria das antigas civilizações falam-nos da presença da divindade nos rios, mares, montanhas e bosques - como Dictynna, a Deusa Mãe cretense, mãe de todos os



moderna teria muito a aprender com eles. Olhar para trás talvez não seja uma ideia tão negativa - ao estudar o passado, aprendemos a criar um futuro melhor.

A profunda espiritualidade dos celtas, o seu apurado sentido de justiça social e intenso respeito pela Natureza são apenas alguns dos muitos elementos através dos quais podemos ambicionar a mudança do modo de pensar actual. Mais que uma questão de justiça, talvez a compreensão da sua arte, filosofia e espiritualidade sejam a chave para a criação de um futuro melhor para o mundo em que vivemos.



3.

MITOLOGIA CELTA DA IRLANDA

O LIVRO DAS INVASÕES E OUTRAS FONTES PRIMÁRIAS

Nas páginas anteriores, vimos como os povos celtas se espalharam por uma vasta área do continente europeu, alcançando inclusive terras mais para oriente. Vimos também que a sua cultura, arte e espiritualidade formaram os alicerces de novas culturas que se desenvolveram em terras celtas a partir do substrato original. Toda essa rica herança esteve a um passo do desaparecimento - e foram muitos os factores que contribuíram para isso.

Começando pela expansão romana: à medida que as legiões de Roma invadiam e conquistavam terras habitadas por povos celtas, a cultura destes sofria danos por vezes irreparáveis. A imposição de padrões culturais romanos, incluindo a obrigatoriedade do uso do latim como língua oficial, fez com que elementos linguísticos e culturais celtas fossem absorvidos e/ou sublimados a favor dos elementos trazidos pelos colonizadores. Apenas em alguns recantos da Europa - normalmente afastados de Roma - a cultura celta original conseguiu sobreviver de forma mais homogênea, se desconsiderarmos as variações regionais existentes entre tribos e diferentes clãs celtas, por vezes bastante acentuadas.

Essa romanização das terras celtas traz alguns elementos dignos de menção: em primeiro lugar, uma mudança profunda na espiritualidade céltica. Se anteriormente os deuses e deusas celtas eram cultuados através da reverência pelos locais sagrados e intocados por mão humana - como os *nemetons*, ou “bosques sagrados” espalhados pela Gália, as Ilhas da Grã-Bretanha e Irlanda - agora

que cai em desgraça ao assassinar os pais - na humilde opinião deste autor, os paralelos mitológicos com diversas divindades helénicas patricidas são um irresistível convite a estudos de mitologia comparada, ao qual o leitor deveria graciosamente aquiescer... Expulso da sua terra, e após vagar anos, Partholón chega à Irlanda no dia de Beltane, com a sua família e os seus druidas. São bem recebidos pela terra da Irlanda, que cria quatro planícies para que ele e o seu povo possam cultivar - como se vê, são os Partholonianos que introduzem a agricultura na Irlanda - uma alusão à chegada dos pioneiros agricultores neolíticos da História? Outras técnicas por eles trazidas: a produção de cerveja, a invenção do caldeirão, a legislação e a tradição tão tipicamente irlandesa da hospitalidade. É durante o seu domínio que ocorre a primeira batalha da história da Irlanda, entre os Partholonianos e os demoníacos Fomoir - uma terrível raça de piratas, por vezes retratados com aparência monstruosa, que daqui por diante atormentarão todos os povos que se instalam na Irlanda. Além de todas essas inovações, os Partholonianos introduzem também o adultério na Irlanda: a vítima é justamente Partholón, cuja esposa, durante uma longa ausência enquanto caçava, se entrega nos braços de um criado... Partholón morre trinta anos após chegar a terras irlandesas, e o seu povo dura mais cento e vinte anos, até ser devastado por uma peste. Uma das variações do texto afirma que apenas um indivíduo sobrevive, Túan Mac Cairill, que - à semelhança de Fintán, do povo de Cesair - relatará em tempos futuros os factos da história da Irlanda.

O POVO DE NEMED

Trinta anos após o desaparecimento dos Partholonianos, uma nova vaga de imigrantes oriundos da Cítia desembarca na costa irlandesa, liderados por *Nemed* ("O Sagrado"). Também ele traz consigo apenas os familiares mais próximos (esposa, filhos e noras) além de vinte companheiros - os demais pereceram, pois trinta e três dos trinta e quatro navios da sua frota original perderam-se no oceano. Este povo assemelha-se bastante aos Partholonianos, pois também são capazes de criar planícies cultiváveis e represar lagos. Míde, o druida-chefe do povo de Nemed, foi o primeiro a acender

uma fogueira na Irlanda. Também eles se vêem em conflito com os Fomoir, derrotando-os em batalha por três vezes, mas acabando por sucumbir. Reduzidos a vassallos dos terríveis Fomoir, os Nemedianos devem pagar anualmente um pesado tributo aos seus senhores. Em busca de vingança, lançaram um ataque à fortaleza Fomoir numa ilha na costa irlandesa e, apesar de matarem muitos inimigos, acabam por ser dizimados. Somente trinta Nemedianos sobrevivem, que se espalham pelo mundo. Um deles, Britán Mael, refugia-se na Escócia e - segundo as tradições irlandesas - foi em sua homenagem que a ilha da Grã-Bretanha recebeu o seu nome. Outro sobrevivente, Iarbonél, atravessa a Europa, refugiando-se no leste europeu. Um dos seus descendentes, Béothach, forma um clã que retornaria à Irlanda gerações mais tarde como os poderosos Tuatha Dé Danann. Por fim, Semion lideraria um povo chamado Fír Bolg, originário da Grécia, que também invadiria a Irlanda.

OS FÍR BOLG

Segundo o *Livro das Invasões*, os Fír Bolg foram os responsáveis pela introdução do ferro na Irlanda. A sua permanência na Irlanda foi pacífica e próspera, especialmente sob o governo de Eochaid Mac Eirc, um rei nobre e justo. Porém, uma poderosa invasão faria desta uma estadia breve. Incapazes de conter a chegada dos mágicos e divinos Tuatha Dé Danann, os Fír Bolg são forçados, após a primeira Batalha de Moytura, a deixar a terra da Irlanda e buscar refúgio noutras paragens. Iniciava-se o período mais glorioso da mitologia irlandesa.

OS TUATHA DÉ DANANN

Sem dúvida o mais importante dos povos a invadir a Irlanda, os Tuatha Dé Danann representam os deuses originais da mitologia irlandesa pré-cristã. Aqui encontramos em toda a sua glória Dagda, Lugh, Morríghan, Brighid e muitos outros. O nome *Tuatha Dé Danann* pode ter dois significados: *Tuatha* é "povo", "tribo". Se associado à deusa *Anu/Danu*, eles são o "Povo da Deusa Danu".

Ao contrário da visão actual da morte como um irrevogável fim ou um momento de acerto de contas, para os celtas essa era uma ocasião intermediária. “A morte é o meio de uma longa vida”, disse o poeta Lucano. Para comprovar a visão celta da morte como algo que nem de longe deve ser visto como negativo, evoco as palavras do filósofo irlandês John O’Donohue, segundo o qual “a morte nasce connosco, e connosco caminha por todos os instantes das nossas vidas”, mesmo que tentemos ignorá-la. Até o dia em que ela, finalmente, se apresenta. Se travarmos contacto com ela antes, se percebemos que sempre estivera connosco, manifestando-se a cada fim de ciclo - seja este um dia, um amor, uma viagem ou uma vida - e a cada refeição, onde outros seres (animais e vegetais) morrem para que continuemos vivos, então talvez sejamos capazes de encarar o tema da morte com a alma leve e a certeza de que tudo é cíclico, e tudo se renova através dessa ciclicidade - inclusive nós.

O medo da morte surge do medo da vida. Um homem que vive uma vida plena está preparado para morrer a qualquer momento. Quando nos lembramos que somos todos loucos, desaparecem os segredos e surge a compreensão da vida.

MARK TWAIN



9.

DAGDA

Havia na Irlanda um famoso rei dos Tuatha Dé Danann, e o seu nome era Eochaid Ollathair. Outro nome para ele era Dagda, pois era quem praticava milagres e cuidava do clima e da colheita, e é por isso que ele é chamado de Dagda.

A CORTE DE ETAIN
séc. VIII

O nome *Dagda* é composto pelas raízes irlandesas *dag* (“bom”) e *dia* (“deus”). Dagda é, portanto, o bom deus, aquele que rege a passagem das estações e é o senhor da magia. É também um grande guerreiro, além de poderoso líder. Dagda é o bom deus, não por ser benevolente, mas por ser excelente em diversas artes. Em muitas passagens, o seu comportamento pode parecer inadequado a um líder dos Tuatha Dé Danann; contudo, não nos deixemos enganar pelas aparências - afinal, no capítulo anterior vimos como a Soberania por vezes esconde-se por trás da imagem de uma velha hedionda, apenas revelando a sua real natureza aos que rompem a primeira impressão.

Apesar das variações, a genealogia do Dagda é uma das menos confusas entre os deuses e deusas da mitologia irlandesa. Como filho de Éithne, Dagda é irmão de Lugh: o nome do seu pai, porém, permanece um mistério, desconhecido pelas lendas ou perdido na noite dos tempos. Muitas são as suas amantes e igualmente grande é



o número de filhos e filhas. A mais importante das filhas é, sem dúvida, Brighid, de quem falamos no Capítulo 5. Entre as suas amantes, citamos Morríghan e Boann, esta última casada com Nechtan, uma das poucas divindades ancestrais com permissão para visitar a Fonte de Connla, ao redor da qual existiam nove avelãs mágicas que derramavam os seus frutos sobre a nascente. Um salmão vivia nas águas da nascente e alimentava-se dessas avelãs: no simbolismo celta da Irlanda, a avelã é o símbolo da sabedoria. Diz-se que aquele que bebesse da Fonte de Connla, comesse as avelãs ou a carne do salmão receberia Iluminação e sabedoria profundas. Certa vez, Boann, a esposa de Nechtan, visita a Fonte de Connla sem permissão. Pela insolência, Boann é punida: as águas das nascentes erguem-se e perseguem-na. Desesperada, corre pelas planícies do leste da Irlanda, com as águas revoltas no seu encalço. Por fim, Boann é alcançada e destruída pelas águas. Impossibilitadas de retornar à nascente, as águas formam um rio, que passa a ser a própria deusa Boann. Até hoje a deusa é lembrada no nome do Rio Boyne - o mais importante rio da Irlanda.

Entretanto, antes de ser transformada em rio, Boann tem um caso amoroso com Dagda e o fruto dessa união é Angus Óg, o deus do amor e da juventude. As peripécias amorosas de Dagda não se limitam às deusas Tuatha Dé Danann: mesmo as mulheres Fomoirie não resistem ao seu assédio, como veremos de seguida. Antes, porém, mergulhemos nos nomes pelos quais ele é conhecido.

No trecho introdutório acima, retirado do poema *Tochmarc Étaine*, ou “A Corte de Etain”, surge o nome *Ollathair*. Traduzido, o “Pai de Todos” é o segundo dos três nomes atribuídos ao Dagda. O significado de “pai de todos”, se levarmos em conta que ele é pai de ninguém menos que Brighid, é já uma clara demonstração tanto da sua grandeza quanto da sua ancestralidade. Outro dos seus nomes, *Eochaid*, contém a partícula *eoch*, “cavalo”, e é também a designação pela qual era conhecido um primitivo deus solar irlandês, descrito como “cavaleiro dos céus”, e também deus do relâmpago. Sabemos que os corpos celestes foram os primeiros fenômenos da Natureza a ser divinizados pelos humanos: deuses e deusas do Sol, da Lua e das estrelas geralmente possuem elementos que os remetem aos



favor dele - contra o seu próprio povo! O resultado da batalha não poderia ser outro.

Expulsos os Fomoir, os Tuatha Dé Danann reinam em paz por um período descrito como “a era de ouro” da mitologia irlandesa, até à chegada do povo de Míl Espáine, que os enfrentará pela posse da Irlanda. Após combates mágicos, os Tuatha Dé Danann acabam derrotados e, liderados por Dagda, retiram-se para o interior dos *sídhe*, as colinas sagradas, deixando a superfície da Irlanda para os Milesianos. É Dagda quem atribui os montes aos diversos Tuatha Dé Danann, escolhendo para si a colina de *Brú na Bóinne*, “A Pousada no Boyne” (hoje conhecida como Newgrange), de onde só teria saído para que o seu ardiloso filho, Angus Óg, ali residisse.

Realçamos o interessante facto de que tanto Dagda quanto Angus venham a morar em Brú na Bóinne, nas proximidades do Rio Boyne. Como vimos, Boann é a deusa tutelar deste rio, e com Dagda gera Angus. Em algumas interpretações, Boann surge com outro nome, Éithne que, como vimos no início do capítulo, é mãe de Dagda. Assim, ao casar-se com Boann/Éithne, Dagda reproduz o mito do filho/consorte tão comum em outras mitologias, como a egípcia - Ísis/Osíris, a suméria - Inanna/Dumuzi, e a babilónia - Ishtar/Tammuz. Esse parece ser o tema que surge da seguinte frase do celtista Barry Cunliffe, analisando as relações de Dagda com as deusas:

É tentador ver neste padrão um sistema simples anterior, possivelmente originário do período pré-celta.

Com efeito, Dagda reúne vários elementos que o tornam uma divindade ancestral realmente antiga. As suas associações com o Sol e com a fertilidade da Terra, a sexualidade exagerada e quase caricata, e o facto de poder representar o mito do filho-amante de uma deusa, colaboram para que formemos uma imagem bastante definida de Dagda, exactamente como indica o seu nome: o Bom Deus das mitologias pré-cristãs; jovial, sensual, poderoso, nobre.



PERGUNTAS

1. O que entendo por Magia, e qual o seu papel na minha vida?
2. O que representa a sexualidade para mim? É a mera busca do prazer ou o momento em que, pela capacidade de gerar vida e energia, me aproximo dos deuses?
3. Costumo julgar pessoas e coisas pelas aparências em vez de investigar a sua verdadeira essência?

A sociedade moderna, pela sobrevalorização das aparências, tirou-nos a compreensão do real valor das coisas, criando tabus e exhibições vulgares de poder e sexualidade, que distorcem a nossa percepção. Ao restabelecermos esses valores, abrimos caminho para que a verdadeira Magia, aquela que permeia todo o Universo, se manifeste e flua livremente nas nossas vidas.



A MAGIA CELTA E OS QUATRO ELEMENTOS

Segundo Caitlín Matthews:

Os celtas não reconheciam forças maiores às do Ar, do Fogo, da Água e da Terra, pois estes são os poderes que moldam o nosso planeta.